

A PLEBE

COARTAR A LIBERDADE
É ESTRANGULAR A VIDA

PELA LIBERDADE COM O ANARQUISMO

(Avulso: Cr\$ 0,50 — Assinatura: Cr\$ 30,00)

Diretor-Gerente: EDGARD LEUENROTH

Perspectiva SOMBRIA

Assistimos presentemente ao desenrolar de acontecimentos que encham de pavor e inquietude a humanidade. Os planos aterradores que fazem anteveer nova destruição e miséria para os povos, estão sendo elaborados, meticolosamente, nos laboratórios do capitalismo e do Estado. Nessa esfera de irradiação autoritária e de escravização é que se processam e arquitetam os mais descontrolados princípios de HUMANIZAÇÃO E JUSTIÇA SOCIAL.

Que importa o extermínio total ou parcial dos valores humanos, se o sistema capitalista e estatal não encontram ponto de apoio para conservar-se? Porque essa obsessão em fazer prevalecer à viva força a vida do moribundo corpo de um regime que se debate nas garras da própria agonia, uma vez que é incapaz de solucionar o mais comezinho problema da existência humana? Porque esse delírio febril dos anquilozados regimes baseados na autoridade, em desespero de causa, que não possuem as energias necessárias, em holocausto da desordem organizada? Qual é a importância, real e objetiva, que possui o descontrolado sistema de coação legal, para rotular-se, vaidosamente, de mentor e condutor dos povos?

O ideal de governar não é mais do que uma expressão estúpida de baixas paixões e de mentalidades moldadas ao calor de preconceitos de superioridade, dando lugar a que se abram as portas à infame exploração de que a humanidade é vítima. A louca porfia dos governantes para monopolizar a torrente das energias humanas, é uma demonstração de forças reacionárias que se movimentam através pelo ímã da tirania organizada. Cada governante entende que seu domínio é pequeno; por isso procura ampliá-lo, não se importando que essa ampliação represente milhares e milhares de cadáveres, que são filhos do povo que trabalha e produz.

Quem ousará negar que nos bastidores da política, tanto nacional como internacional, os pseudo-representantes do povo estão armando, arduamente, a máquina política com a qual esperam salvar as instituições históricas da sua derrocada final? Os duéis diplomáticos que se renizam no campo da diplomacia internacional, apresentando o lugubre aspecto das decifras que procuram regenerar-se e as maquinacões sórdidas dos empreiteiros da guerra; as indústrias de material bélico aperfeiçoando os engenhos de destruição e morte, que arrasarão a superfície terrestre, caso seja necessário às suas ambições, tudo isso indica que estamos servindo de joguetes nas mãos dos governantes, porque estes assim o desejam.

A situação enervante do mundo atual nos é transmitida pela própria ONU, onde estão representadas a fina flor do capitalismo e do Estado. Ali se discute a forma mais eficiente de consolidar o regime capitalista, através do Estado forte e totalitário, entrando em jogo a existência moral e material dos povos. Seja qual for o preço da divisa autoritária envergada pelos senhores da governança mundial, os povos é que terão de ser sacrificados, de uma ou de outra forma. Seja como for, o bode expiatório será o povo, e mais uma vez terá que servir de carne para canhão aos incubadores do poder. Salvo o imprevisto, o futuro da humanidade é inquietante e sombrio: esta é a conclusão lógica a que chegamos, diante do emaranhado e truculento jogo de interesses da Sociedade das Nações.

O arsenal bélico da burguesia abarrotado de elementos destruidores de alta precisão matemática. Os empreiteiros da guerra estão de parabéns, porque as colinas lhes correm às mil maravilhas. Os círculos financeiros regorgitam de entusiasmo ante a perspectiva da nova sangria universal, na qual o bezerro de ouro terá mais uma consagração.

Para evitar a nova "débacle" os povos só podem confiar na ação reflexiva e metódica dos homens livres de todo e qualquer preconceito social, político ou religioso, econômico ou patriótico. Somente na ação dos elementos libertários é que estão depositadas as esperanças de uma nova humanidade, feliz e sorridente.

MARTINS GARCIA

O assassinato de Ferrer

FOI UM DOS GRANDES CRIMES DO REGIME CLERICO-CAPITALISTA



FRANCISCO FERRER JUNTO À FORTALEZA DE MONTJUICH, ONDE FOI FUZILADO

O assassinato de Ferrer é uma lição de história viva. Contemplamos, no cenário da terra, a inevitável transição da humanidade sofredora para a humanidade redimida. É o movimento mais profundo, mais essencialmente humano de toda a luta contra a natureza; porque se até agora o homem tem reformado os meios de produção e agido pelo sentimento, doravante anela por se reformar a si mesmo e o faz pela inteligência.

A tragédia de Montjuich expõe o fenômeno à luz meridiana. Irise-o de cambiantes tão intensas que a mais toledada das visões nela enxerga as perspectivas todas do problema da emancipação.

Ferrer é um símbolo. Sua vida um prenúncio. Sua morte uma definição.

Recordando-as vemos a humanidade velha, encarquilhada e tropéa, amortalhada nos preconceitos, chumbada ao regime de casta, onde se consagra a dualidade extrema de explorados e exploradores; padres, legistas, patrões, juizes de um lado e do outro a desherdada classe dos famintos, proletários sem direitos, triturados no trabalho, sufocados na ignorância, empedernidos na crendice e no crime.

Meditando-as, porém, vemos guardada, pela ação restauradora da Escola Moderna, a nova humanidade, a humanidade porvindoura, alindada por si mesma, pelo esforço da cultura intelectual em que a razão se eleva, se enobrece o entendimento, e o mundo se revela como existe: energias em transformação na perpetuidade da substância indecomponível. E essas duas humanidades se defrontam no suplício de Ferrer.

Ferrer gritando ao morrer: Viva a Escola Moderna! é o triunfo das gerações animadas com a seiva libertaria, batidas para sempre

O racionalismo humanitário combate as guerras fratricidas, sequestra as paixões e exterioriza o combate a exploração do homem pelo homem, combate a relegação em que se tem mantido a mulher e combate todos os inimigos da harmonia humana: a ignorância, a maldade, a soberbia e outros vícios e defeitos que têm dividido os homens em tiranos e escravos, em opulentos e miseráveis.

FRANCISCO FERRER

com o sangue do martir, cubiçosas de paz, de amor, dessa entre-senhada concórdia, prometida pelos sonhadores passados e negada, vilipendiada pelos parasitas de qualquer sorte: reis, capitalistas, papas e marechais.

Ferrer compreendeu a ineficácia das leis e do governo nas reformas sociais, a mistificação das suas promessas, o logro perpetuo em que ministros e parlamentares vão mantendo o povo eleito e submisso.

Atinou com a mola principal, mercê da qual os homens de cima exploram desancadamente o labor dos homens de baixo. Essa mola é a ignorância.

A escravização dos braços só se faz pela escravização da inteligência. A escravização da inteligência se efetua pela educação do Estado e da Igreja. Essa educação consiste do infiltramento de preconceitos e regras e tendentes todas a firmar no animo das turbas a obediência passiva aos mandões.

Exige a Igreja o respeito aos dogmas; exige o Estado o respeito às leis.

Dogmas e leis revertem a favor dos seus promulgadores e mantenedores em prejuízo dos dirigidos: trabalhadores e crentes.

Como resolver, portanto, o grande problema? Destruição dos preconceitos, aclarando a inteligência da multidão obscurecida, apontando-lhe os erros, os desatinos, as imoralidades das doutrinas que lhes dão, substituindo-as pela verdade científica assentada exclusivamente na razão observadora.

A missão da Escola Moderna é esta: esfolinhar o cerebro do povo, elevar, como disse Ferrer, o nível da mentalidade humana, pela disseminação dos conhecimentos bons, banindo de vez a atabafante aluvião de lendas, cultos, superstições, milagres, com que se

aterrorizam hoje as consciências para dominá-las.

Ferrer assassinado é a Escola Moderna vitoriosa. O clamor ouvido em todo o mundo contra os sicários espanhóis, aquela onda de ódio cujo embate balançou o trono malsinado, esse vozejar de protesto, esse alarido de meia humanidade indignada representa o homem futuro, o Heracles que nasce, rezeza os músculos, que investe afoitamente contra a hidra- autoridade.

Nós contemplamos serenamente do nosso posto de combate, do cantinho onde metralhamos também as forças da rotina, o desenrolar do Grande Drama.

Na sucessão interessantíssima dos quadros, esse da morte de Ferrer nos elucida o entrecho com uma energia sugestiva tão violenta que logo percebemos a conclusão da peça: a apoteose deslumbrante do racionalismo libertario.

José OITICICA

LUÍZA MICHEL

Senecando Ideias...

Queremos a liberdade e julgamos incompatível sua existência com a existência de qualquer governo, seja qual for a sua origem e forma, seja eleito ou imposto, monárquico ou republicano, inspirado no direito divino ou no direito popular, na santa anfora ou no sufrágio universal. Porque a história nos ensina que todos os governos são iguais.

LUÍZA MICHEL

Radio Emissora a serviço da Espanha Livre

Está funcionando na França uma estação de rádio em ondas curtas de 44 metros aproximadamente, a serviço da libertação da Espanha. Essa rádio emissora, que tem o prefixo E.C.N. 1, pode ser ouvida nos seguintes horários: Domingos e Feriados, das 8,30 às 9,30; das 13 às 13,30; das 19,30 às 20 horas. Dias úteis: das 13 às 13,30; das 19,30 às 20; das 21,30 às 22,30, horário de França. Para a América do Sul devem ser as suas irradiações com uma diferença de 4 horas a mais.

Não se deve confundir esta emissora com a que está a serviço do governo Aguirre, que atua na frequência de 48 metros.

Os camaradas que estão à frente da E.C.N. 1 solicitam que os rádio-ouvintes daquela emissora informem como estão recebendo as suas transmissões por intermédio do jornal "Organización Obrera" — Calle Venezuela, 3955 — Buenos Aires, Argentina.

Porque assassinararam Francisco Ferrer

Para se compreender a trágica jornada que teve como epílogo a morte de Francisco Ferrer y Guardia, fundador da Escola Moderna e uma das mais vivas inteligências da cultura espanhola, é preciso que nos remetamos ao período ensanguentado da história das lutas revolucionárias da Espanha que teve a denominação de "Semana sangrenta" de Barcelona.

Tais acontecimentos, tiveram então, como causa o ambiente criado pela guerra de Marrocos, contra a qual o povo espanhol se manifestava, demonstrando, com protestos de rua e movimentos grevistas, a sua aversão à aventura dos feudaisistas, à frente dos quais se achava a figura sinistra do ministro Miguel Maura.

O povo espanhol achava injusta a guerra de Marrocos, entre outros motivos, pelo fato de que apenas os in-

ANTECEDENTES DO ATO CRIMINOSO QUE LEVOU AOS MUROS DO CASTELO DE MONTJUICH, PARA SER FUZILADO, UM DOS MAIORES PALADINOS DA LIBERDADE E FUNDADOR DA ESCOLA MODERNA

divíduos das classes pobres, que não podiam dispor da importância necessária ao pagamento da taxa que os isentava do serviço militar, como acontecia com os ricos e filhos de políticos influentes, iam servir de carne para canhão e morrer às mãos dos marroquinos; e também porque nesse conflito, o povo via apenas a satisfação das ambições feudaisistas e o jogo dos interesses dos concessionários da construção da estrada de ferro pelo interior de Marrocos, que era o próprio governo.

Em consequência desse estado de coisas, surgiram as perseguições aos elementos que ousavam protestar con-

tra a invasão de Marrocos ou que se recusavam a partir, quase como condenados, para a carnificina africana. A fermentação de odios contra o governo Maura e Afonso XIII levou o povo à greve geral de Barcelona, que foi afogada em sangue e terror pelas forças reacionárias do feudalismo espanhol.

Para justificar as perseguições e fuzilamentos desencadeados pelo governo, este precisava de encontrar um "responsável"; e, insuflado pela cleptomania, que via na Escola Moderna e na figura de Francisco Ferrer a tocha da liberdade a iluminar as consciências que eles queriam sempre submetidas ao dogma e enegrecidas pela ignorância para mais facilmente sobre elas exercerem o domínio da exploração, cometeram a infâmia de responsabilizar pelos acontecimentos da "Semana sangrenta" ao grande Francisco Ferrer, que foi fuzilado no Castelo de Montjuich no dia 13 de outubro de 1909.

A posterior revisão do processo demonstrou que Ferrer não tivera qualquer ligação com o movimento previsto que culminou na trágica jornada de Barcelona!

QUEM ERA FRANCISCO FERRER

Francisco Ferrer nasceu em Allela, na provincia de Barcelona e contava 48 anos por ocasião do seu fuzilamento. Foi ferroviário e acompanhava com interesse os movimentos sociais que agitavam as classes trabalhadoras. A Revolução Francesa tinha acendido a fogueira das reivindicações humanas e o pensamento universal começava a libertar-se das garras negras do domínio clerical e das tiranias dos regimens autoritários e feudais.

Em sua mocidade, como ferroviário, Ferrer militou no partido republicano, onde se distinguiu ao ponto de Ruiz Zorrilla, antigo ministro e chefe do partido progressista, o convidou para exercer as funções de seu secretário.

Em consequência da sua atuação como homem de consciência livre, teve que deixar a Espanha, tendo se refugiado na França, onde conheceu uma senhora de nome Ernestina Mennié, que se tornou sua alma, pois Francisco Ferrer, para viver, começou em França a sua carreira de professor, como primeira fase de um vasto plano que vinha acariciando há muito: a fundação da Escola Moderna, isto é, da escola laica, da escola racionalista libertada dos tentáculos do polvo clerical, onde pudessem as consciências formar-se livres e iluminadas pelos conhecimentos científicos.

Ernestina Mennié, rica herdeira de uma grande casa das famílias francesas, apaixonou-se de tal forma aos sentimentos de Ferrer, de tal maneira se projetou na sua inteligência a personalidade do mestre que, ao morrer, em seu testamento, sabendo que Ferrer alimentava um sonho grandioso, deixou-lhe a renda anual de 18.000 francos de uma casa que tinha em Paris.

Ferrer pôde, então, iniciar a realização do vasto plano que tinha em mente. Voltou à Espanha e fundou a Escola Moderna.

O que essa obra representa na cultura universal, não é preciso diz-lo. É bastante que se diga ter sido ela o berço da moderna pedagogia, da escola baseada na ciência e no livre exame, da escola psicológica!

Mas a criação da Escola Moderna tropeçou, logo de início, com grandes obstáculos. Sem contar as hostilidades do governo e do clero, que começaram a ver com maus olhos aquele foco de luz que irradiava inteligência, Ferrer lutou com a falta de livros apropriados, visto estarem todos os livros escolares da época baseados na mentira e adaptados às conveniências do ensino religioso. Resolveu então criar uma biblioteca especial para a escola que fundou.

Contou logo com a cooperação eficaz de mentalidades esclarecidas, como o dr. Odon de Buen, catedrático da Universidade de Barcelona, dr. Martínez Vargas, medico distinto, bem como Eliseu Reclus, Charles Malate, Jean Grave, Esclander e outros.

Ferrer começava a colher os frutos da sua sementeira grandiosa, que ultrapassou as fronteiras, dando como resultado a fundação da Liga Internacional para o Ensino Racional da Infancia, com sede em Paris, onde começou a aparecer como órgão principal, "l'École Renouée". Apareceram, logo a seguir, na Itália, "Scuola Libera", uma revista semanal e "Humanidad Libre", em Valencia, na Espanha, sob a direção do professor Samuel Torner.

Em pouco tempo a Liga contava com seções ativas na França, Itália, Suíça, Belgica, Inglaterra, Alemanha, Portugal, Argentina, Cuba e Holanda

bre y la Tierra", que a Escola Moderna editou em magnífico volume ilustrado e de grande formato.

Não nos permite o espaço alongarmos na explanação do que foi a obra desse mártir da liberdade e da ciência, que as balas assassinas dos verdugos de Miguel Maura e Afonso XIII fizeram tombarem inocentemente a 13 de outubro de 1909.

A firmeza de suas convicções; o seu coração de homem íntegro; o seu grande amor à liberdade de consciência, estão sintetizados nas suas últimas palavras ao cair tombado pelo pelotão de fuzilamento nas lagoas do Castelo de Montjuich: "Viva a Escola Moderna!" Nessas palavras, Francisco Ferrer y Guardia vislumbrava o mundo novo, a humanidade livre, o pensamento humano libertado dos preconceitos teológicos e sociais à conquista do futuro.

Movimento Anarquista no Japão

Por intermédio do companheiro Li Pei Kan, de Shanghai, o jornal anarquista, "Freedom", de Londres, recebeu notícias do movimento anarquico japonês, de que destacamos a seguinte nota:

"Existe no Japão um vasto movimento anarquico — informa este companheiro — com um semanario, "Helmin Shimbun" (Jornal do Povo) com a tiragem de 800.000 exemplares.

No dia 16 de maio do corrente ano teve lugar em Tokio o terceiro Congresso da Federação Anarquica japonesa. Das declarações de princípios daquele congresso, os companheiros do Grupo Internacional do Japão fizeram uma tradução em esperanto, que Li Pei Kan transmitiu ao "Freedom".

Publicamos a seguir, traduzido de "L'Adunata dei Refrattari", essa correspondência de Li Pei Kan:

A luta imperialista divide o mundo atual em dois campos opostos: o comunismo de um lado e o capitalismo de outro. Na ultima guerra foram mortas milhões de pes-

soas, sendo os povos reduzidos à miséria e à fome. Não obstante essa calamidade, a guerra continua a sua marcha e ameaça transformar-se em nova e mais implacável explosão mundial. Os dois blocos rivais se degladiam na Europa, nos Balcãs, no Extremo Oriente e no Oriente Proximo, e o Japão não está excluído dessa luta. Logo após a derrocada militar do Japão, os capitalistas e governantes, apavorados com as consequências da guerra, tornaram-se surdos à voz do povo, que invocava a verdadeira emancipação, mas não ficaram inertes e trataram de encaminhar a revolução popular para o terreno da politica. Assim é que, hoje, aproveitando-se das rivalidades que dividem os vencedores, estão em condições de mercadejar com a importação do capital estrangeiro, com a fraqueza e a descentralização dos monopolios e sobre as condições da recompensa pela deserção militar. Os capitalistas estão, agora mais do que nunca, aptos para manifestar-se abertamente a favor da exploração dos trabalhadores do campo e das cidades e pela supressão do movimento operario.

Nestas condições, formou-se o ministério Ashida, que é uma combinação entre os partidos burgueses e o partido socialista, no qual predomina o elemento militar em substituição ao domínio da burocracia. Os novos governantes confiam na ação do capital estrangeiro para a reconstrução do Japão, e para compensar esta ajuda, que não recebem, procuram sufocar os conflitos de classe, as greves e os anseios dos trabalhadores. Contemporaneamente, fazem requisições forçadas dos produtos agrícolas, enquanto os "tubarões" da lavoura violam abertamente as leis da reforma agraria, desenvolvendo negocios à base do mercado negro, que praticam sem impedimentos.

O governo exige orçamentos colossais, que veem agravar ainda mais a situação calamitosa do povo, estorquido sobre todas as formas de contribuições, principalmente nos tributos postais, taxas de consumo e sobre a produção agricola. Multiplicaram as forças de policiamento, reforçaram o exercito, e não é preciso muito esforço para se compreender que o Estado no Japão se orienta no sentido de aumentar cada vez mais o seu poder para maior sujeição do povo em geral.

Ante esta tendencia, o vigor dos sindicatos operarios e das leis sociais deveriam reagir; em vez, são a direção dos chefes do Partido Socialista, estas organizações prendem-se às concessões imediatas, e tornam-se sustentáculos do atual governo, enquanto que, nas esferas onde predominam os funcionarios do Partido Comunista, preconizam a diatadura em nome de um dos dois blocos que dividem o mundo, ameaçando o povo como as perspectivas de ser o Japão transformado em campo de batalha, conseguindo com isso dividi-lo como o tem feito em todas as partes.

Nós confirmamos o nosso ponto de vista de que o unico meio de libertar o povo é o caminho da anarquia. Lutamos pelo advento de uma sociedade fundada no principio de liberdade, na igualdade e apoio mutuo, propugnando a necessidade de uma federação livre baseada na independencia do Japão como de todos os outros povos do mundo. E juntamente com as multidões japonesas declaramos que é necessario combater os governos e o capitalismo, bem assim como todos os organismos que os sustentam, os reacionarios e os fomentadores de todas as guerras.

Afirmando o anarquismo

A afirmação da necessidade da liberdade individual constitui uma condição essencial ao desenvolvimento da personalidade.

Partindo-se do principio de que o individuo é o ponto de partida de tudo quanto pode ser considerado no dominio coletivo, é imprescindivel que ele usufrua a mais ampla liberdade para que possa atingir o desenvolvimento desejado.

A solidariedade, igualmente, é uma necessidade vital para cada individuo. Na sociedade atual, por mais reduzido que seja seu ambito, ninguém pode escapar à necessidade de utilizar em beneficio proprio, para sua conservação, os frutos do trabalho dos outros, tanto no dominio moral, como no material. Disso resulta, necessariamente, que todos devem ser solidarios entre si. Daí a impossibilidade de se considerar o bem estar individual ou coletivo pelo angulo exclusivo da liberdade individual, visto que esta tem seus limites naturais demarcados pelo respeito que devemos à liberdade dos nossos semelhantes. A questão, portanto, resume-se em obter para cada individuo um máximo de liberdade, de conforto material e moral.

Para a real consecução do meio social a que aspiramos, unico capaz de permitir o livre desenvolvimento da personalidade, é preciso contar a supressão total do Estado, organismo dispendioso e absorvente que, valendo-se das suas engrenagens tiranicas e inúteis, chega à supressão da liberdade, submetendo a grande massa popular a uma infima minoria de aproveitadores ocasionais.

Para nós, o Estado é um meio de expressão brutal de que dispõe o principio de autoridade em prejuizo do principio de liberdade. A magistratura, a policia e as forças armadas, são frutos naturais da sua existencia. Consequentemente, o Estado, o sistema de capital (seja qual for sua modalidade) é incompatível com os principios de liberdade e de fraternidade. Esse sistema, de qualquer maneira por que se apresente, com o rotulo de capitalismo de Estado, capitalismo privado, capitalismo autoritário ou liberal, com as desigualdades que lhe são inerentes e de que vive — suscita rivalidades, e ambições impossibilitando a melhoria do individuo

na atmosfera de corrupção criada pelos organismos estatais.

A autoridade (o Estado) é o meio pelo qual o capital se mantém. É preciso, pois, destruir o Estado assim como todas as formas de que o capital lança mãos para obter lucro, se se quer que desapareça a luta de classes, oriunda das desigualdades sociais.

O Estado, mesmo socialista, com a maquina administrativa que constituiria sua estrutura, e com seu funcionalismo, não poria termo à luta de classes; subsistiriam as mesmas desigualdades sociais, pois surgiria uma nova classe privilegiada — a do funcionarios. Com esse novo Estado, o capital, sob novas formas, continuaria a provocar oposições entre os individuos, mesmo porque não eliminaria a diversidade de interesses provocada pela luta de classes e teriamos, então, que uma minoridade privilegiada, para manter suas posições, atentaria fatalmente contra as liberdades da maioria.

A sociedade futura, portanto, deverá ser organizada sem Estado e sem classes.

Para eliminar estas duas instituições (o Estado e o Capital) que constituem as bases do mundo na atualidade, é urgente solapar igualmente, desde logo, as instituições que têm a missão de manter-se fixas e estaveis, tais como: militarismo, a religião, e a concepção da natalidade como elemento patriótico. A moral sexual dominante, bem como o alcoolismo, também devem entrar em nossas cogitações imediatas.

Todos os meios possíveis de uma ação pacifica deverão ser empregados para combater esta modalidade de organização que pretendemos fazer desaparecer. Todavia, em caso algum, devemos esquecer-nos de que sendo a nossa finalidade a supressão de tudo quanto constitui o mundo capitalista, estatico e autoritario, o ultimo recurso para atingir o nosso objetivo será a revolução social.

Não somos apologistas da violencia, mas estamos convencidos de que à violencia do Estado e do capital em geral, uma unica força pode se lhe opor: — a violencia revolucionaria. Esta será tanto mais eficiente, quanto mais fecundo tiver sido o trabalho de preparo de educação e de cul-

(Conclui na 3.ª pag.)

AINDA A FALA DE D. CARMELO

(Conclusão da 1.ª página)

netrar no amago da questão aventada pelo arcebispo de S. Paulo e quanto mais rabeava em nossa mente a questão de saber em que consistiria a assistência espiritual prometida por d. Carmelo, mais nos afundavamos no abismo da perplexidade e da duvida.

Quanto às missas, panacéa que serve para tudo, tanto para sufragar almas, como para render graças por um bom exame de formatura, ou para o exito de uma aventura guerreira, para bodas de prata ou de ouro, podendo ser celebradas por intenção de suicidas, protestantes, muçulmanos, budistas, etc., sabe-se perfeitamente que acompanharam, no terreno espiritual, o mesmo surto ascensional de todas as utilidades materiais do após-guerra. Custam caro! Essa mercadoria espiritual não está ao alcance de qualquer bolsa. E o bom Deus, lá das alturas, sabe distinguir perfeitamente todas as missas pelos preços que seus ministros, às da terra, estabeleceram para cada categoria.... Uma missa de Cr\$ 50,00, por exemplo, não pode ter o mesmo efeito de uma de Cr\$ 500,00 ou mais, com orgão, catafalco, palmas e outros apetrechos santuarios.

Logo, as missas como assistência espiritual em prol da miseria humana, estão fora de toda e qualquer cogitação.

Quanto ao mais que possa constituir a tal assistência preconizada por d. Carmelo, é bem de ver que não ha necessidade de intervenção do padre para que o pária peça inutilmente a Deus e se resigna, quer queira quer não, à sua sorte.

Continuamos, portanto, na mesma.

Almas timoratas que somos, com um medo insopitavel dos fogos do inferno e com profunda repugnancia do autor dos castigos eternos para culpas efemereras, pedimos, humildes e contritos, a d. Carlos Carmelo que nos diga, por míudo, em que consiste a assistência espiritual da igreja em beneficio da legião de infelizes e desgraçados, vítimas da injustiça social que a igreja em 20 seculos de atividade não conseguiu debelar, nem ao menos, logrou atenuar.

Tem a palavra o Pastor d. Carmelo.

L. ROGERIO

LIVROS QUE RECOMENDAMOS

- "Proudhon" — (Su vida y su correspondencia) — Casainte Beuve — edição castelhana Cr\$ 35,00
- "Malatesta" — (Su vida y su pensamiento) — Luigi Fabbri Cr\$ 35,00
- "Em torno de uma vida" — Pedro Kropotkine Cr\$ 35,00
- "Luiza Michel" — (La virgen roja) — Irma Boyer, enc. Cr\$ 45,00
- "Teses da existencia e inexistencia de Deus" — Charles Duclaux Cr\$ 20,00
- "As idéias absolutistas do Socialismo" — Rudolf Rocker Cr\$ 15,00
- "La historia de la Revolución Francesa" — Pedro Kropotkine Cr\$ 85,00
- "O que es la Propiedad?" — Proudhon, enc. Cr\$ 40,00
- "O Anarquismo ao alcance de todos" — José Oiticica Cr\$ 12,00
- "Sermões da Montanha" — Tomás da Fonseca Cr\$ 40,00

Pedidos à Caixa Postal, 5739

SÃO PAULO — CAPITAL

VELHO TEMA

EVOLUÇÃO OU REVOLUÇÃO?

"A ciência não estabelece diferença alguma entre as duas palavras, evolução e revolução, cuja semelhança é grande, apesar de serem utilizadas na linguagem comum num sentido totalmente diverso da sua significação primitiva."

"Mostremos primeiro que é das provas de grande ignorância estabelecer entre evolução e revolução um contraste de paz e de guerra, de calma e de ação violenta. As revoluções podem fazer pacificamente, pelo efeito de uma possível mudança no meio ambiente, produzindo um "modo" diferente nos interesses; enquanto que as evoluções podem ser assás rudes, envoltas em guerras e perseguições." (Elsée Reclus — "Evolução e Revolução").

Ao debater-se o problema da transformação social, da passagem do regime estatal e capitalista para o socialista e anárquico, surge a objeção de que a classe possuidora de todos os bens que constituem o patrimônio social e que domina, pela força organizada, a classe produtora, extorquindo-lhe os frutos do seu trabalho, não deixará esse predomínio econômico e político a não ser pela força, pela violência das massas subversivas.

Como corolário desta, apresenta-se a idéia do estabelecimento necessário do Estado transitório para afiançar a efetivação revolucionária.

Na sociedade atual, objetam-nos, existem duas classes: a burguesia e o proletariado. A burguesia jamais entregará a sua prepotência sobre o proletariado pela persuasão, por sua própria consciência, compadecida do sofrimento dos seus explorados. É preciso que a classe trabalhadora se organize, que se arme e se lance contra os algozes. Só quando triunfar nessa luta é que poderá dedicar-se a construir o novo regime. Mas para isso, não só para dirigir os passos da reorganização, mas para impedir que os remanescentes burgueses se reanemem e preparem a contrarrevolução, retomando o seu poder, ou pelo menos obstruindo e retardando o desenvolvimento do organismo jovem, necessário é que se proclame, tirando-o de seu estado revolucionário, um novo Estado, vigilante das astúcias do velho Estado derrotado.

Não são estes os termos exatos da alegação feita pelos teóricos do transformismo social feito pela mudança do poder da classe capitalista para a classe proletária, mas é este o sentido verdadeiro em que deve ser encarado o problema.

Quanto à segunda parte da questão — a da formação do Estado proletário — todos os anarquistas são acordos em afirmar o contrário; em defender como condição primária para a transformação o rompimento imediato com toda forma de autoridade heterônoma, com todo poder político transferido.

Quanto ao item primeiro — a necessidade da violência — distinguem-se em duas correntes diversas: a dos partidários da violência e a dos pregadores da não-violência.

A violência, propriamente, não tem para os anarquistas o significado da necessidade, do fator imprescindível para a derrocada do Estado, mas de uma consequência inevitável da irconciliabilidade de interesses entre os senhores do poder e da riqueza e os trabalhadores de todas as camadas sociais.

Não opusessem resistência os privilegiados da classe burguesa, permitindo aos produtores que organizassem suas comunas libertárias em todos os pontos onde fossem convenientes; não impedissem as relações sociais e individuais entre os membros das aglomerações do mundo todo, respeitando a liberdade do desenvolvimento das células constitutivas da sociedade anarquista universal e jamais esses elementos, os verdadeiros promotores da regeneração humana, intrometer-se-iam nos negócios próprios dos conservadores do regime autoritário capitalista.

Ligeira análise da presente situação e de como se processaria qualquer possível movimento revolucionário, demonstrará a inconsistência daquela proposição — a violência como elemento transformador.

Realmente, se a resistência contrarrevolucionária fôsse exercida pela classe detentora de todos os bens da moderna civilização contra a massa por ela explorada — da burguesia contra o proletariado, na consistência máxima da sua verdadeira significação — a revolta armada seria indispensável para o destronamento dos poderes político-militares e o estabelecimento das bases sobre que se ergueria o futuro sistema comunista-acrático.

O embate no entanto — a questão social — não consiste na luta entre duas ou mais classes sociais ora vigentes, mas sim na ressurreição da própria vida humana, no advento de uma nova ética, substituindo os falsos preconceitos de classes, de raças, de nacionalidades, de credos, pela verdadeira dignidade do homem, do construtor dos meios necessários à subsistência harmônica da sociedade universal.

A violência, praticada como meio de defesa própria, como resistência natural dos grupos revolucionados contra as tentativas de impedimento levadas a efeito pelos mantenedores do atual sistema, nunca é exercida contra os verdadeiros elementos parasitários e dominantes. Para que isso se pudesse dar, mister seria que a reação conservantista fôsse realizada por esses mesmos elementos, o que realmente não acontece. As instituições que promovem a conduta intrínseca da sociedade atual estão de tal sorte articuladas que a força contrarrevolucionária está confinada no seio mesmo das massas exploradas, alimentada pelos próprios párias da situação.

As imensas camadas de trabalhadores de todas as nações, que consomem sua própria existência no laborar contínuo dos campos, das fábricas, das estradas dos mares e demais atividades da construção peregrina de todos os elementos que podem proporcionar incomparável conforto ao homem e promover o desenvolvimento cômodo do próprio viver humano, mas que, em vez de desfrutar esse bem-

O Conceito de Liberdade

LUCIA FERRARI

Tem-se dito muitas vezes que a palavra "liberdade", tomada num sentido absoluto, é sinônimo de desordem. Nada mais falso. A desordem, a falta de normas, é precisamente a negação da verdadeira liberdade, que é essencialmente harmonia e ordem profunda, tanto mais profunda quando constitui um produto do sentimento humano e nele tem as suas raízes.

O equívoco nasceu do fato de se haverem dado à palavra liberdade diversos sentidos, alguns dos quais, por vezes, discordantes e em absoluto contraste entre si. A definição mais comum e justa: "A liberdade é ausência de restrições violentas", tem sido desvirtuada e muito limitada. Muitas vezes, quando se fala da liberdade, tem-se em conta sobretudo o indivíduo (o próprio indivíduo) ou determinada classe (a própria classe) ou na maioria da qual o indivíduo se sente parte. Bem poucos são os que, ao ouvir esta palavra mágica, pensam realmente no conjunto de todos os seres humanos antes de pensarem neles mesmos, nos inimigos antes dos amigos. Na luminosa visão que esta palavra liberdade sugere, surgem em primeiro plano os direitos que podem ser auferidos e conquistados, os desejos que podem ser satisfeitos; surgem, em suma, aquele conceito de liberdade que leva à licenciosidade. E não vemos que a liberdade dos nossos atos nos impõe primeiro o reconhecimento dos deveres que a faculdade de usar os nossos direitos; impõe-nos primeiro o trabalho que a satisfação de gozar os produtos do trabalho.

Em nossa atividade revolucionária dizemos, muitas vezes — já se tornou lugar comum — que lutamos pela liberdade de todos. Entretanto, pensando-se bem, é difícil sermos realmente persuadidos de que a conquista da independência econômica e da liberdade para todos seja portadora da felicidade, ou, pelo menos, daquilo que os homens entendem por felicidade.

A experiência demonstrou que as conquistas da mecanica — para dar um exemplo — que intensificaram a nossa vida e nos tornaram as riquezas mais acessíveis, não aumentaram a nossa felicidade, porque a humanidade sofre agora como sofria antes. A felicidade é ausência de desejo, e a vida, por mais que sejam satisfeitas as nossas aspirações, permanece sempre, e continuamente, desejo, isto é, esforço. E o esforço é ao mesmo tempo sofrimento e prazer.

Ora, a nossa luta pela conquista da liberdade não é a luta pela felicidade. Isso seria, realmente, uma utopia!

Nós desejamos a liberdade para que ela nos restitua, com a responsabilidade das nossas ações, a nossa dignidade de seres humanos.

Combatendo, por exemplo, o capitalismo no campo econômico nós queremos dar ao trabalho a

sua dignidade, dar-lhe aquela independência que é sempre paga com um maior esforço. E nós sabemos que obedecer é muitas vezes comodo, e ser livre é sempre difícil. Mas obedecer equivale a ser escravo, pertencer ao dono como um objeto; ser livre é ser humano e ter dignidade.

Aqueles que se libertam de uma tirania devem ganhar o título de homens livres com a livre aceitação e plena consciência das graves responsabilidades que as novas condições trazem consigo.

Conquistar a liberdade, portanto, nem sempre quer dizer conquistar os direitos; quer dizer também conquistar os deveres. O escravo não tem deveres: obedece à ordem de mando e não tem remorsos de haver praticado uma ação maldosa; a responsabilidade das suas ações cabe ao patrão, ao senhor, não a ele. Si a patrão o sustenta e o trata bem, não o açoitando muito, pode até ter a ilusão de que é feliz, daquela felicidade animal que não dá que pensar.

O homem livre, ao contrário, que tem nas mãos a matéria prima e os instrumentos de trabalho, e não há ninguém que lhe imponha fazer uma coisa antes da outra, sente profundamente a responsabilidade das suas ações. Sabe que se cruza os braços e não trabalha, os outros sofreriam por sua causa, sabe que deve organizar o seu trabalho e a sua vida, de acordo e em harmonia com o trabalho e a vida dos outros, uma vez que não tem mais o patrão que pensa por ele, sabe que si o trabalho é mal feito, a culpa é sua. Em uma sociedade de escravos, os indivíduos vivem miseravelmente, mas gozam de relativa tranquilidade; não precisam pensar senão neles mesmos, deixando ao capitalista e ao Estado a preocupação de organizar as suas relações com os outros produtores, como produtor e como cidadão. Em uma sociedade de homens livres a responsabilidade não pode deixar de turvar a tranquilidade dos varios componentes; é possível que alguns sintam pesar sobre os seus ombros o peso moral de toda a sociedade, visto que em tudo quanto esta faz eles tem a sua parte de interesse e responsabilidade. Ora, ao nascermos numa sociedade injusta como é esta em que vivemos, encontramos fora de nós, como qualquer coisa já feita, um ambiente que nos oprime; quando formos livres, nos sentiremos todos, a cada momento, um pouco creadores dessa sociedade, que não será mais opressiva e estatica como esta, mas estará em continua fermentação transformadora, graças à ação conjugada de "todos" os seres que a compõem.

Numa sociedade de escravos não encontramos senão rebanhos; numa sociedade livre encontraremos homens. Nós sabemos que os homens sofrem espiritualmente mais que os carneiros. Não importa. A satisfação de sentir-se senhor de si mesmo, de sentir-se livre, não se paga nunca muito caro.

estar possível, vegetam miseravelmente em paupérrimas condições materiais, morais e intelectuais são os mantenedores da situação vigente e os próprios exterminadores de qualquer movimento edificador constituído pelos membros de idéias mais avançadas e de mais pura abnegação de todos os países.

Estão plenas as páginas da história desses tristíssimos acontecimentos.

Nunca o sangue dos mártires foi derramado pelas finas mãos dos beneficiados da riqueza social; jamais foram as barricadas destruídas com as armas dos barões sugadores das mais confortadoras criações dos artifices da indústria e da lavoura, em lugar nenhum foram os arautos da liberdade perseguidos, nem encarcerados, nem julgados, nem executados pela ação direta dos nababos, parasitas dos produtivos da sociedade contemporânea.

A violência, sempre que provocada, foi exercida contra os próprios componentes da massa, os mais humilhados, os de mentalidade mais empobrecida, mais impregnada de preconceitos e crenças mentirosas.

Se o mineiro que desce às profundezas do solo para arrancar centenas de materiais diversos; o armeiro que labuta nos arsenais de guerra fabricando milhares de armas diferentes; o químico que se encerra nos laboratórios para a pesquisa de elementos adequados à destruição; o jovem que se atria de armas na mão assassinando os seus próprios companheiros de infortúnio se negassem a praticar tais façanhas, que poderiam os plutocratas contra os próceres de qualquer movimento construtivo da nova sociedade... Que fariam os que nunca trabalharam se o verdadeiro, o aguçado, o lesteiro, o padeiro, todos os produtores, enfim, dos gêneros indispensáveis à manutenção da própria vida se opusessem um dia a prestar os seus serviços a troco de dinheiro, a bem dos improdutivos... Ou teriam que trabalhar, ou morreriam da fome.

Nenhuma bala, nenhuma morte, nenhuma violência. O mundo social anarquista não pode ser construído por homicídios.

A violência gera violência: a paz só pela paz pode ser edificada.

Eis pois a obra libertária em todos os tempos, em todos os lugares, em todos os ambientes: a emancipação, a renovação, a libertação dos indivíduos para a transformação da sociedade.

LIBERTO LEMOS REIS



Misera e associação — e o que produz a sociedade burguesa

AFIRMANDO O ANARQUISMO

(Conclusão da 2.ª página) tura individual em que nos empenhamos, sem relegar a plano secundário o importante fator — evolução.

Não acreditamos que a questão social possa ser resolvida em cada país por sua vez. A revolução não conhece outros limites além dos extremos do mundo civilizado; e quando ela deflagra em determinada nação, seus ecos, por força, devem repercutir para lá de suas fronteiras, sem o que ela morrerá. Somos, por isso, essencialmente internacionalistas.

O modo de organização da sociedade que entrevemos, terá por base o indivíduo cuja cultura intelectual, desenvolvida ao máximo, permitirá maior compreensão da parte de responsabilidade que lhe cabe e que lhe é imposta pelas circunstâncias da nova vida social.

O sistema do capital será substituído por uma organização metódica da produção regulada e orientada de acordo com as necessidades do consumo, em função das possibilidades gerais. Os sindicatos entrarão então em seu verdadeiro funcionamento, gerindo a economia, enquanto as comunas terão a seu cargo a administração das relações sociais e de tudo quanto não se relacione com a produção.

Os parlamentos, na sociedade nova, não terão mais razão de ser, porquanto os conselhos de operários, de técnicos, de artistas, etc., de todas as camadas sociais, assim como as comunas serão a expressão certa e direta da vontade geral da coletividade. O sistema federativo substituirá a organização atual, tornando, portanto, inútil o Estado.

No plano econômico, o federalismo enunciado, terá como célula, as organizações profissionais e as cooperativas de consumo (quer se trate da indústria, quer da agricultura). No plano social, teremos a comuna; no cultural, os agrupamentos interessados em difundir tudo quanto se relacione com o ensino. A arte, como a ciência, não será descurada, enquanto a educação permitirá ao maior número usufruir os benefícios das decorrentes, tornando-os acessíveis a todos. A supressão do patronato e do salariado deve se processar juntamente com o desaparecimento do dinheiro como meio de entesourar e capitalizar para que o espírito de mercantilismo seja eliminado. Com a eliminação do dinheiro corruptor o Movimento Libertário visa o desaparecimento das desigualdades de distribuição. O trabalhador como o técnico, o enfermeiro como o médico, o proletário não especializado como o intelectual, todos têm o mesmo direito ao banquete da vida.

A estrutura da nova sociedade não permitirá que um indivíduo ganhe ascendência de poder pessoal sobre seus semelhantes.

Da perfeita organização futura esperamos o desaparecimento da exploração do homem pelo homem, e do poder do homem sobre o homem. Tendo em mente que a função faz o órgão e que o homem é facilmente dominado pela função, é a esta que devemos ater-nos e objetivar o desaparecimento puro e simples de todas as instituições criadas pelos diversos regimes de autoridade sejam quais forem suas formas e modalidade de expressão.

“UMA MULHER DIFERENTE”

No festival do dia 8 de Janeiro no Salão do Grêmio Hispano-Americano

É com esta peça de autoria do companheiro Pedro Catalo, que o Grupo Teatral do Centro de Cultura Social fará realizar no dia 8 de Janeiro, no salão do Grêmio Dramático Hispano-Americano, à rua do Gazometro n.º 738, um grande espetáculo.

Além desta magnífica peça em 3 atos, em que Pedro Catalo estuda interessantes situações psicológicas da mulher na sociedade, será levado a efeito, como sempre, um grande ato variado, no qual tomarão parte elementos de destaque artístico daquele Grupo Teatral.

A PLEBE

S. PAULO, 4 DE DEZEMBRO DE 1948

ANO 32 — NUM. 20 (Nova fase)

Mais impostos - mais miseria!

PARA COBRIR AS DESPESAS QUE SE FAZEM COM A MANUTENÇÃO DE UMA BUROCRACIA INUTIL E PARASITARIA, OS GOVERNOS AUMENTAM OS IMPOSTOS, ESSES AUMENTOS RECAEM SEMPRE SOBRE O POVO, QUE É O BODE EXPIATORIO DE TODAS AS ORGIAS GOVERNAMENTAIS

Todas as vezes que se desequilibram os orçamentos governamentais, e isso acontece sempre, em consequência do aumento, cada vez maior, da burocracia que anda pelos corredores das instituições politico-sociais que sustentam o Estado, burocracia inutil e parasitaria que o povo tem de sustentar para ser por ela explorado e oprimido, os governantes recorrem ao expediente, para eles simplíssimo, de aumentar os impostos. E' por meio de impostos que o dinheiro do povo vai parar às mãos dos tiranos que o escravizam.

Com o aumento dos impostos, que recaem diretamente sobre os comerciantes e industriais, mas que estes desapertam para a esquerda aumentado os preços das mercadorias, aumenta o custo da vida, numa proporção nunca atingida pelos salarios.

Desse desequilibrio é filha a miséria, que atinge diretamente as massas trabalhadoras. Sim, porque tendo apenas o salario como recurso para atender às suas necessidades e às necessidades de suas famílias; e não conseguindo os salarios acompanhar a elevação do custo da vida, têm os trabalhadores a sua situação sempre desajustada. Esse desajustamento se faz sentir em todas as esferas produtoras, seja qual for a categoria ou classe, porque só os trabalhadores sentem o peso do desequilibrio que se produz em consequência do aumento de impostos e das taxas postais ou de transportes, que elevam o custo da vida.

Fazemos este comentário à margem das discussões da proposta orçamentaria para 1949, apresentada pelo governador à Assembleia Legislativa.

Os debates travados em torno desse documento foram de molde a revelar a calamitosa situação em que se encontram as finanças do Estado, que atingiu ao vergonhoso regime do calote e das desculpas de mau pagador, ao ponto de quase provocar a intervenção federal.

O descalabro dos governantes, em torno dos quais gravitam enxames de funcionários dessa burocracia necessária à manutenção do poder, levou as finanças do Estado à situação de quase bancarrota!

E o unico remédio que os governantes encontram para solucionar os problemas economicos de seus governos, é o aumentar mais os impostos, isto é, abrir nos organismos já debilitados das populações mais uma veia para que a sangria seja maior.

Quando, entretanto, premidos pelas necessidades, os trabalhadores pedem aumento de salarios; quando saem à rua para protestar contra as explorações de que são vítimas, o Estado põe os trabalhadores fora da lei e afoga em sangue as suas pretensões e os seus protestos, valendo-se das forças de repressão de que dispõe à custa do próprio povo!.....

E' este o quadro, que não muda, sinão para pior, que a sociedade capitalista oferece como organização das coletividades humanas.

Por isso, para transformar esse quadro de forma a que possa oferecer aos olhos de todos o aspecto de uma sociedade organizada na base do bem estar para todos os individuos, é que os anarquistas lutam. Os anarquistas querem estabelecer no mundo uma organização social onde não haja impostos, porque os impostos não serão necessários. E não serão necessários por uma razão muito simples: não existirá o Estado nem os organismos dos quais ele depende e que vivem dele, à custa do trabalho e do suor dos trabalhadores.

Não existindo o Estado, não existirá consequentemente a burocracia, esse monstro de tentáculos ramificados em todas as arterias do organismo social, porque esse enxame de parasitas que hoje nada produzem, mas que consomem as melhores energias do sangue proletario, terão depois de produzir para terem o direito de consumir. Não existirão os exercitos nem as milicias policiaes, com todo o cortejo de suas inúteis instituições, porque a sua função está condicionada à existência da propriedade privada, que desaparecerá com o advento do socialismo libertario, isto é — a anarquia.

Na sociedade atual, já o disse um grande sociologo inglês, trabalha cada individuo para sustentar dez que não fazem nada, ou que, pelo menos, nada produzem de utilidade. Imagine-se o trabalho dividido em iguais condições para todos; que também esses dez que não produzem e consomem, passem a produzir! O que não seria a vida em tais condições?

E' esse estado de coisas, é essa a organização social preconizada pelos anarquistas: uma sociedade em que haja liberdade, fartura, justiça, moral, amor e sentimento de solidariedade, tudo livre, tudo para todos!

SOUZA PASSOS



O Sentido Social das Organizações Proletarias

Tendo em conta o principio fundamental dos sindicatos operarios, que é a defesa dos seus interesses da classe, não se concebe a intromissão, nas organizações obreiras, de elementos estranhos que tenham interesses opostos.

Os sindicatos organizados pelo Ministério do Trabalho, nos quais se intrometem individuos adextrados para fiscalizar as suas reuniões, controlar o seu movimento associativo, não podem, realmente, interessar aos trabalhadores.

O Ministério do Trabalho, organismo conservador da burguesia, parte integrante do Estado capitalista, não poderá nunca assumir a defesa dos interesses proletarios, porque, se o fizesse, teria criado um estado de incompatibilidade com as classes que dominam e controlam as industrias, o comercio e a lavoura.

Sabemos que a greve é um estado revolucionario do proletariado para com o capitalismo. Os operarios só se decidem a ir à greve depois de haverem fracassado os meios suasorias, as conversações preliminares, o entendimento harmonico para obterem a solução dos problemas economicos, sociais ou morais que determinam esses movimentos. Em ultima análise, a greve é a manifestação violenta dos interesses em luta.

Ora, o Ministério do Trabalho condena as greves, não as admite, foi criado para evita-las. As comissões de conciliação com que o Ministério substitui as greves para a solução dos conflitos entre o capital e o Trabalho, não oferecem, nem podem oferecer nenhuma segurança no fator das vantagens proletarias. Como não podem recorrer à unica arma que possuem para forçar o capitalismo a ceder, porque a greve coloca os capitais em perigo no jogo das conveniências comerciais, os trabalhadores serão sempre vencidos nos conflitos com a burguesia. E isso por uma razão muito simples: As Comissões de Conciliação compõem-se de três partes interessadas nos jogos do capital e uma, apenas, interessada na defesa dos interesses proletarios.

Admitindo que haja sinceridade nessa representação, as condições de três contra um não podem ser favoráveis aos operarios. Além disso, o operario isolado, mesmo que represente interesses coletivos, torna-se fácil de manejar. Se não o convencem, ameaçam-no, torna-se alvo de perseguições, forçam a aceitar as condições favoráveis aos seus patrões contra os interesses da coletividade operaria.

As organizações proletarias teem, além disso, um sentido moral que não se coaduna com as determinações do Ministério do Trabalho. Visam a formação de consciências livres, o desenvolvimento da personalidade individual dos trabalhadores, o que não se pode conseguir dentro das concepções da obediência e disciplina moral das conveniências dos organismos do Estado. O Ministério quer individuos que obedecem, não consciências que reclamem e se revoltam. Institui o principio, sempre falho, da proteção e patronização das causas que afetam a vida das classes oprimidas. Crea o profissionalismo administrativo, o parasitismo moral dos conceitos arcaicos da necessidade de dirigir as massas trabalhadoras. Afirma, sobretudo, o principio politico das lutas eleitorais, transformando as organizações proletarias em campos de experiências politicas, sujeitas aos revezes dos partidos e às lutas de conquistas dos cargos publicos.

Não. Os trabalhadores devem repelir o dominio do Ministerio do Trabalho e decidir-se a conquistar, por sua conta e risco, dentro das suas organizações livres, pela ação direta, seu bem estar, a sua libertação do jugo capitalista, a sua emancipação moral e social.

As necessidades dos trabalhadores só são sentidas por eles mesmos. E todas as vezes que aparecem os pretensos "amigos do proletariado", os "defensores" e "dirigentes" só teem uma coisa em vista: domina-los, para os explorarem em seu beneficio ou em beneficio de outros.

F. G.

Curso Popular de Higiene Mental

Conforme vem sendo anunciado, as palestras deste curso de higiene mental promovidas pelo Centro de Cultura Social, em cooperação com a Universidade Popular Presidente Roosevelt e o Centro de Estudos Franco da Rocha, tem-se realizado normalmente no salão do Instituto de Educação "Caciano de Campos", à Praça da Republica, que foi gentilmente cedido para esse fim.

Até agora, realizaram-se as seguintes conferencias: "Importancia da Higiene Mental na Sociedade Moderna" — dr. Francisco Tancredi; "Os Fatores de Desajustamentos e Melos de Evitá-los" — dr. Otavio Luiz Barros Salles; "Credidos Populares" — dr. Osorio Cesar; "Arte e a Literatura na Higiene Mental" — dr. Ernani Borges Carneiro; "Higiene Mental e Politi-

ca" — dr. José Angelo Galarsa; "Higiene Mental na Infancia" (Menores abandonados) — dr. Anthero Barraudas Barata.

Deverão ainda realizar-se as seguintes:

Dia 25 — "Higiene Mental e Orientação Profissional" — dr. José Longman.

DEZEMBRO — Dia 2 — Assistência aos Egressos de Hospitais Psiquiátricos — dr. Hilton Neves Tavares;

Dia 6 — "Higiene Mental da Família e do Professor" — dr. Pedro da Silva Dantas.

As aulas deste Curso de Higiene Mental são franqueadas a todas as pessoas interessadas, não necessitando de convite nem ingressos, iniciando-se às 20 horas.

ESMILHADOS...

CONGRESSO EUCHARISTICO

"Com toda a pompa e com extraordinária exhibição de sedas e jolas das vestes paramentares, encerrou-se em Porto Alegre o Congresso Eucarístico" — (Dos jornais).

Dizem que Cristo nasceu
Numa pobre estrebaria;
Que, pobrezinho, viveu
Combatendo a hipocrisia.

Que um mundo igual concebeu,
Onde ricos não havia;
A vaidade combateu
E a humildade preferia.

No entanto, em nome de Cristo,
O que hoje vemos é isto:
De sedas paramentados,

Raras jolas faiscando,
Padres e bispos falando
Ao povo na Eucaristia!...

FREI JOAO SEM CUDADOS

Registrados, vales postais e cheques em nome de Edgard Leuenroth. — Caixa Postal 2162.

Propaganda Anticlarical em Bagé

Do companheiro Venancio Pastornil Sobrinho, de Bagé, Rio Grande do Sul, recebemos recortes e boletins de propaganda anticlarical por ele publicados e distribuidos naquela região.

Esse companheiro não se limita, porém, à propaganda anticlarical; orienta a sua ação no sentido de desenvolver a divulgação das ideias libertarias, tendo-se destacado na critica aos politiquinhos do regime capitalista e à ação nefasta dos falsos socialistas.

IMPORTANTE

Na notícia referente ao Convenio Anarquista, publicada no numero anterior de A PLEBE, apareceu errado o numero da Caixa Postal do jornal, que é 5739. Por um lamentavel erro tipografico apareceu o numero 2759, e quem tenha enviado correspondencia para esse numero nos dará comunicação imediata, para providenciarmos.

Guerra à Guerra!

REUNIÃO INTERNACIONAL PELA PAZ

De 5 a 11 de agosto do corrente ano, teve lugar em Shrewsbury, na Inglaterra, uma grande reunião de resistência contra a guerra, na qual tomaram parte 185 delegados procedentes de 86 nações: homens e mulheres, muitos dos quais sofreram longos periodos de reclusão em consequência da sua atividade anti-militarista. Entre estes se encontrava Robert Porcher, delegado francês, que durante quinze anos esteve deportado na Ilha do Diabo por se haver recusado a prestar serviço militar, e Aldo Reseigno que, tendo sido condenado à morte pelos fascistas italianos pelas suas objeções contrárias à guerra, conseguiu evadir-se da prisão e esconder-se durante todo o periodo da conflagração.

Depois de exaustivas discussões sobre varios argumentos, os delegados presentes aprovaram, por unanimidade, a seguinte declaração de principios: "Esta conferencia da Internacional de Resistencia contra a Guerra, representando 56 secções esparsas em trinta nações e aderentes individuais de 86 nações, tendo examinado os problemas economicos e politicos do mundo na actualidade, e em particular o crescente perigo de uma nova guerra; reafirma a determinação de todos os seus membros de trabalhar no sentido de se evitar novas conflagrações, de remover as causas da guerra e de não tomar parte em nenhum movimento que vise a guerra. Aos seus membros recordou-se a atuação e os ensinamentos de Ghandi, e isto robusteceu as suas convicções de que, para resolver pacificamente os problemas internacionais, basta querê-lo com persistencia".

Sem concordarmos totalmente com esta declaração, nós vemos com satisfação quaisquer movimentos que se proponham promover a resistência ao militarismo em um momento como este, quando a propaganda guerreira e a ameaça da guerra vêm sendo cínicamente empregados por todos os governos com o proposito deliberado de aumentar a propria potencia com respeito aos povos conquistados.